

Canto do manjaricão

No trabalho *Malha do cereal na Cardenha e coro dos malhadores*, que fizemos de colaboração com os Srs. P.^o ANTÓNIO MOURINHO e Maestro AFONSO VALENTIM (Sep. da revista «Douro Litoral», n.º VII-VIII da 6.^a série, Porto, 1955, 19 págs. e 17 figs., a pág. 10 dissemos ser de regra que as mulheres, ao *acanhoar*, cantem o manjaricão. O certo é que não só as mulheres o cantam mas toda a gente, homens e mulheres, em trabalho na eira, o que lhe dá carácter de verdadeiro coro.



Na altura da nossa ida à Cardenha não se pôde colher a música do *canto do manjaricão*. Ali voltei no ano seguinte, 1956. Com um aparelho de registo sonoro colhi a música em fita electromagnética. Mais tarde o Sr. JOSÉ NEVES, distinto professor do Conservatório de Música do Porto, ouvindo o nosso registo, escreveu a música que agora se publica.

Esta canção foi-nos cantada em 1956 pela Sr.^a Maria Veríssima, que devia ter a linda idade dos seus 80 anos e estava ainda bem conservada e com uma linda voz.

Qualquer quadra serve para o *canto do manjaricão*, porém no nosso trabalho acima referido indicamos 3 quadras como as mais correntes naquela canção. São as primeiras da série que agora ampliamos com mais quadras alusivas ao manjaricão.

I

O *manjaricão* é mimo,
Eu também já fui mimosa.
Se não estivesse ofendida
Não me *amostrava* queixosa.

VI

Manjaricão da janela
Regadinho com vinagre,
Nem eu era do teu gosto
Nem tu da minha vontade.

II

Ai Jesus que assim faz calma
Na eira aos malhadores:
Quem fora ramo de murta
Qu'assombrara o meu amor.

VII

Manjaricão miudinho,
Já meu peito foi teu vaso,
Já tendes novos amores
Já de mim não fazeis caso.

III

Manjaricão da janela,
Já te podes ir *sequendo* :
Já morreu quem te regava;
Eu já me vou *enfadendo*.

VIII

Manjaricão miudinho,
Dá-me a tua mão p'ra subir,
Eu sou muito vergonhoso,
Pela porta não hei-de ir.

IV

Junquinho verde, ouvi-me,
Manjaricão, escutai-me,
Rosa branca, respondi-me,
Amor-perfeito, falai-me.

IX

Manjaricão miudinho
Posto no vaso do rei,
Tira de mim o sentido
Qu'eu de tí já o tirei.

V

Manjaricão da janela
Não dá cheiro nem semente,
É como a língua da mulher :
Quanto mais fala mais mente.

X

O *manjaricão* é triste,
Alegre quando tem flor.
Logre quem te lograr;
Triste de mim se não for.

Com estas quadras, ou quaisquer outras, entoam a *canção do manjaricão*, cantada quer só pelas mulheres quer por toda a gente, homens e mulheres, em trabalho na eira.

O manjaricão é cantado ao *acanhoar*. Este serviço compete conjuntamente às mulheres e aos homens.

Estes com as *forcadas* levam para a borda da eirada alguma palha miúda e as espigas que, ao malhar, quebraram e, desprendidas de colmo, ficaram misturadas com o grão.

Para este serviço ficar bem feito, há que fazer várias passagens com os forcados e, depois, com o *engaço* (ancinho de dentes de pau).

Atrás dos homens vão as mulheres com *coanhas*, toscas vassouras de *gesta* (cf. *giesta*) — uma *gesta* *nacida* ou ramos de *gesta* com as pontas naturais. *Acoanhar* é tirar do grão a palha miúda e o *côscó*. Este é formado por cabeças ou bocados de espigas, praganas e palhuço miúdo.

Este trabalho não pode ser feito a correr. Tem de ser feito de vagar e com calma.

A música do *manjaricão* é lenta, compassada. Quadra bem com o vagaroso cuidado com que tem de fazer-se o trabalho do *acanhoar*. A lentidão do canto como que marca o ritmo do passar leve das coanhas por sobre o grão, para o limpar do palhuço.

SANTOS JÚNIOR

Grade de dentes de pau

Lavradas, típica aldeia barrosã, sobranceira a Carvalhelhos, fica na vertente leste da serra das Alturas de Barroso, a uns 850 ou 900 m de altitude e pertence à freguesia de Beça, concelho de Boticas. Lavradas é extrema do concelho e confina com a aldeia de Lamachã, da freguesia de Negrões, concelho de Montalegre.

No verão de 1962 ali vi a grade que vai fotografada. Os dentes ao longe davam a impressão de machados neolíticos, como a fotografia bem mostra.

Isso fez renascer no meu espírito a ideia de que, dada a quantidade de machados neolíticos que aparecem, alguns deles tivessem, porventura, servido como dentes de grades. Aliás ainda hoje em muitas regiões os trilhos com que se debulha o cereal (trigo ou centeio) são feitos de pequenas pedras de sílex convenientemente talhadas e embutidas na face inferior do tabuão do trilho.

Os dentes da grade de Lavradas eram, como dissemos, de pau.